





cientista de S. Paulo se declarou em greve, optou pelo recurso mais propício a este momento, afim de fazer valer os seus direitos, afim de mostrar a sua força de braço propulsor do machinismo industrial, de energia vital do progresso.

Nada mais justo, nada mais necessário, nada mais humano! Entretanto, assim não o pensam e assim não o querem os sacripantes que administram esta vasta fazenda que é S. Paulo. Para os insumíveis a exploração — a pata do cavallo, o cacete do secreta, o calabouço, variações morescas do acote do feitor, do cão auxiliar do capitão do matto e do tronco de outros tempos.

O captivo e os supplicios inherentes continuam sob variadas formas. Exigem-nos a demonstração. Para patentear a não precisão, ir longe, buscar fontes de retórica, citar longos e fastidiosos exemplos. Basta o que se não tem revelado no actual movimento grevista, pacifico segundo a constatação dos proprios organos de publicidade subvencionados pela secretaria da policia segundo a afirmação do organo official da camarilha gremista.

Que justifica então as perseguições movidas contra os grevistas, as prohibições para que estes se reúnem mesmo em recinto reservado, as prisões effectuadas? Que justifica o encarceramento de Francisco Calvo, desse pobre operario roubado a sua esposa e aos carinhos dos filhos, durante tantos dias conservados em angustiosa expectativa, sem a mais leve noticia do esposo e do pai? Que quer isto? Que justifica a prisão desse operario cujo unico crime é ser secretario duma associação de sua classe?

A resposta é unica e plausivel. Dos degenerados descendentes dos mercadores de escravos, dos corruptos discipulos dos jesuitas de Iru, dos sabujos de D. Duarte Leopoldo não pôde esperar actos humanos e justos o povo de S. Paulo.

## Em Baurú

Uma controvérsia com o vigário da localidade sobre assumptos philosophicos.

Ha pouco tempo, na habitual toquia ás suas manhas ovelhas, esteve em Baurú d. Lucio, bispo de Botucatu. Como em toda a parte do poleiro de sua igreja derramou por sobre os livres pensadores da localidade os maiores duperstios, as maiores asseiras. Os nossos correligionarios, porém, é que não estiveram pelos autos, isto é, pelas absurdas vanidades pela bala, o por isso o replearam para sustentar pela imprensa as inverdades ditas numa igreja, no meio dum publico fanatizado.

No lugar de d. Lucio, apresentou-se o seu fiel escudeiro, padre Antonio José Pires, vigário de Baurú. E impagavel o sr. padre Pires! Aceitou a lura que foi tirada ao seu senhor impondo algumas clausulas bem interessantes. Quer por exemplo, que a polemica seja travada em puro, em castigo vernaculo, como se a grammatica e o estylo fossem conção inherente da verdade. Um prometo fôr do seu respectivo logar será o bastante para que o sr. padre Antonio Pires fique convencido de que está do lado da verdade. Quer tambem ser tratado com luras de pellica, de v. revma. para cima, como merece um illustre sacerdote do Christo. Mostra mesmo o desejo de ver o seu adversario, antes de pôr-se em guarda, beijar-lhe respeitosa e as mãos e pagar-lhe uma missa em intenção da futura rectidão.

Pois bem, illustre philologo padre Pires, o nosso companheiro Doga da Maia vai reardar o Coruja e comprar um par de luras, para na proxima semana sair ao teu encontro. Prepara pois a tua penna aurifalente e... o teu dorso delicado!



## Biblia vermelha

A pergunta que por si só basta para demolir todas as tentativas de aprovar a existencia de Deus é a seguinte: Por que razão criou Deus o mundo?

Odeare.

Só, livre, posso enganar-te; mas mais vale o erro do homem livre do que a obediência do escravo.

Emerson.

# Inquisição policial

## Infamia sem nome

A policia prende e martyrizo o operario Francisco Calvo, atirando-o depois á varzea de Santo Amaro — Quem não protestará contra esta barbaridade?

Não encontramos termos capazes de exprimir devidamente o sentimento que, num misto de asco e indignação, domina todos os nossos seros transmittidos ao publico a negro, a inacreditavel pidiçia por que acaba de passar o operario Francisco Calvo. Parece que voltamos aos tempos horribes da Inquisição, de odiosa memoria.

Mas detenhemos as explosões de nossa indignação e passemos a relatar fielmente aos nossos leitores toda a infame historia deste facto que ha de ficar eternamente gravado nos annes da vida publica dessa conluio de jesuitas de casaca de que se compõe a nefasta oligarchia paulista.

Francisco Calvo é operario fabricateiro e trabalhava na fabrica de calçados Clark. Como os nossos leitores sabem pelas noticias que temos dado, a classe dos sapateiros fundou ha pouco tempo a sua sociedade, nella espontaneamente inscreveram-se a grande maioria dos seus membros. Calvo, como operario consiente que é, tambem adheriu a essa sociedade, da qual ha coisa de um mez passou a ser secretario, cargo a que dedicou todos os esforços de que é capaz todo o homem consocio das suas responsabilidades.

Com a agitação ora reinante na classe operaria desta capital devido ao estado de miseria em que se encontra, os trabalhadores na fabrica de calçado Clark puzeram-se em greve reclamando algumas melhoras na sua situação.

Os grevistas, usando de um direito garantido pelas leis de paz, reunem-se diariamente para discutir sobre os seus interesses em jogu. Nessas reuniões Francisco Calvo tomava a parte activa inherente ao seu cargo, fornecendo informações sobre o que havia e prestando as explicações que lhe eram pedidas.

E eisahi, em poucas linhas, o papel representado por Calvo no actual movimento operario.

Pois a policia, attribuindo a esse operario não sabemos que serie de delictos horrorescos, destinou-o para victima dos seus ataques de hydropisia, nella tito communs por occasião de todos os movimentos operarios.

E aqui começa o martyrologio inquisitorial do nosso bom amigo. No dia 9 do corrente, das 9 para as 10 horas da noite, quando Francisco Calvo se dirigia para a sua residencia, foi inopinadamente agarrado no largo da Sé por um desses typos abjectos, escreencias do ultimo estado da degradação moral a que se dá o nome de espieses secretas. Calvo procurou desprender-se das suas mãos viscosas, mas não o conseguiu porque em auxilio do cão policial correram o soldado de ronda no mesmo largo e outros secretas, não podendo por isso entrar para a nossa redacção, de onde havia saído e onde a sociedade dos sapateiros tinha a sua secretaria. E entre safaões, socos e ponta-pés foi o honesto trabalhador transportado para a Central.

Da Central foi Calvo levado, ás 11 horas da mesma noite, no auto-ambulancia, para o ponto policial da Constolação. Neste ergastulo inquisitorial foi elle mantido até sabbado, encerrado num cubiculo, dormindo no chão humido, sem receber o minimo alimento e nem sequer uma caneca d'agua. Calvo, em certo momento, torturado pela sede, foi obrigado a beber a propria urina, por lhe ter sido negado um pouco d'agua, apesar dos seus insistentes pedidos.

No sabbado, depois de 48 horas de fome, sede e frio, transportado não movimente para a Central, de onde foi levado, sentindo para um outro posto, onde elle depois soube ser o do Belenzinho. Naquella infame casa de tortura Calvo foi atirado para um xadrez tão limpo como a alma dos seus perseguidores.

A certa hora da noite motou Calvo que todas as luzes tinham sido apagadas e que as grades da sua prisão haviam sido abertas. Em grandes berros gritaram-lhe que saísse. Com muito esforço pôde vencer a escuridão e ver no meio da sala um paisano entre um soldado e dois homens embuçados, que elle reconheceu serem soldados pela calça descoberta.

O homem á paisana, que devia ser um delegado, perguntou-lhe se sabia porque motivo estava preso. Calvo respondeu-lhe que a elle cabia fazer essa pergunta. O tal homem vomitou então uma serie de disparates e insultos, dizendo que Calvo era o autor das greves que se estão manifestando, o seu chefe, o seu cabeça, os proprios grevistas enfim, ao que replicou devidamente o digu operario.

Terminada esta scena que nos transporta aos dominios de Torquemada, foi Calvo descido do xadrez para uma solitaria a tres ou quatro metros abaixo do nivel do solo, de pouco mais de um metro quadrado, sem luz, quasi sem ar e tão humida que a agua chega a pingar do tecto.

Nesse antro de morte permaneceu Francisco Calvo doze dias, isolado, sem ter quem lhe attendesse aos seus pedidos angustiantes!

Durante esses doze dias recebeu como unico alimento, de vinte e quatro horas, de duas horas, uma canezinha de agua suja a que davam o nome de café e um pedago de pão moído que esses piazinhos de viem!

E isto durante doze dias! Doze dias de fome, de frio e de somno, porque nem dormir Calvo podia pois o cubiculo não dava senão para estar sentado!

As forças já lhe iam faltando, sentia-se deffinhar, morrer lentamente sem que um soccorro, um auxilio lhe pudessem ir aliviar a sua situação desesperadora. Apellou para os sentimentos humanos dos soldados mas ninguem lhe deu ouvidos.

Um pensamento tragico dominou-o então: era melhor findar com tantos soffrimentos. Daria cabo do resto da vida. E, procurando aguar o cabo da canezinha de alguns golpes sobre as veias da mão esquerda.

Felizmente não conseguiu o seu intento. Tinha a intenção de se acanhar a sua tentativa com a credencia que consumiam por nobalades de que se servem os presos.

Foi nesta situação desesperadora que o foram arrancar da solitaria da morte para a sua creolina que consumiam por nobalades de que se servem os presos.

Foi nesta situação desesperadora que o foram arrancar da solitaria da morte para a sua creolina que consumiam por nobalades de que se servem os presos.

Foi nesta situação desesperadora que o foram arrancar da solitaria da morte para a sua creolina que consumiam por nobalades de que se servem os presos.

Foi nesta situação desesperadora que o foram arrancar da solitaria da morte para a sua creolina que consumiam por nobalades de que se servem os presos.

Foi nesta situação desesperadora que o foram arrancar da solitaria da morte para a sua creolina que consumiam por nobalades de que se servem os presos.

Foi nesta situação desesperadora que o foram arrancar da solitaria da morte para a sua creolina que consumiam por nobalades de que se servem os presos.

O pobre operario encontrava-se na varzea de Santo Amaro, além do Bosque da Saude!

Tacendo, cambaleante, começou a andar a esmo, conseguindo depois de muito esforço chegar á casa de um leiteiro que, pela manhã, o trouxe em seu carrinho para a cidade.

E, como um attestado vivo do alto grau de civilização deste Estado, lá está Francisco Calvo entregue ao seu leito e aos cuidados dos medicos, impossibilitado de, por muito tempo, ganhar com o seu trabalho o pão para a sua dedicada compaheira e para os seus filhinhos.

De que forma comentar agora isto? E tão grande a infamia, é tão horivel a injustiça que chega a embotar-se nos o espirito, impedindo-nos de dizer tudo quanto de analurgia e odio nos vai na alma de modestos mas nobres sustentadores da causa dos opprimidos.

Para se conseguir a liberdade de Francisco Calvo os advogados Passos Cunha e Demetrio Justo Seabra recorreram a todos os recursos da lei, foram percorridos todos os transes leges.

Quatro habes-corpus foram impetrados aos juizes e ao Tribunal de Justiça, foi requerida uma delegação aos postos policieis, uma commissão foi ter com o secretario da Segurança Publica e com o presidente do Estado para se clamar a sua liberdade, chegando o advogado Justo Seabra a conseguir a intervenção do consul hespanhol.

Nada disso produziu resultado. A policia respondeu á commissão, aos juizes, ao Tribunal e ao consul que Calvo não estava preso em nenhum posto da capital!

E se não fosse a ameaça da greve geral do operariado, que estava imminente, se a policia não temesse complicar ainda mais a sua situação com a grande agitação publica que se ia fazer, Francisco Calvo terminaria os seus dias no fundo da lobrega solitaria do posto policial do Belenzinho.

E os juizes burlados, menosprezados na sua dignidade não se iam contra tal affronta? E a imprensa, onde está o seu prestigio de guarda das liberdades publicas que não se levanta em peso contra tal ignominia?

Não haverá nesta terra quem, com o nome de operario, seia affrontado diante desta infamia sem nome?

E preciso que tal facto não fique esquecido, é necessario que o povo todo levante o seu vibrante, potente e energico protesto contra mais esta barbaridade de que são autores esses conatuizes do crime legal, contra essa escumalha dos collegios da padralhada de Iru que se transformou em sarnosa rafeira dessa canailha que vem para o Brasil em preside de custa das notas falsas, de falsificação de bebidas, da venda de generos adulterados e do sangue de miseras crianças que morrem entre as engrenagens de suas fabricas.

Appellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil. Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

Apellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.



O morticínio do Lena — Uma greve nas areias auríferas da Siberia — Os interesses da finança contra a luta dos operarios — As causas do crime, as suas consequências e a imprensa produzida — O naufragio do Titanic e suas causas — Os effectos da luta de interesses entre os homens e da divisão em classe — O interesse das Companhias contra o interesse geral.

LISBOA, 28 DE ABRIL.

Chegou ao Brasil a noticia telegraphica do grande morticínio executado pelas tropas do tsar sobre os trabalhadores das minas de ouro do distrito de Vitine, governo de Iskutok, Siberia Oriental, nas margens do rio Lena?

Essas minas pertencem a uma sociedade constituída e dominada pelo celebre financeiro cosmopolita barão de Gunzbourg, que com a aquisição do capital accões da antiga sociedade «Lena» teve em vista levantar o decastro sofrido num jogo de bolsa. O barão reservou para si todas as accões privilegiadas e colocou no conselho de administração o irmão do ministro Timiriazeff, o importante metallurgista Putloff e alguns lords ingleses.

O negócio ia bem, quando estalou a greve dos mineiros do Lena, infamemente explorados, passando uma vida de indiveis privações, habitando em miseras chavancas. Que pediam os grevistas? A jornada de oito horas, já bem pesada para tam exaustiva labuta, um aumento de salário e o pagamento em dinheiro, em vez das senhas que os negociantes só aceitavam com um desconto variavel.

Em 15 de março eram os grevistas apenas 900, mas alguns dias depois eram já 6 ou 7 mil, mantendo uma attitude pacifica.

As accões da Companhia começaram a baixar, mas os directores, em vez de ceder, espalharam o boato da proxima cessação da greve e mostraram-se intrataveis. Os grevistas foram intimados a abandonar as suas miseraveis habitações, propriedade da Companhia, — medida, porém, que, pela sua crueldade excessiva e perigosa, a propria autoridade não ousou executar, apesar de se ter posto immediatamente a serviço do capital, com a força armada.

Entretanto, a despeito dos falsos boatos optimistas, as accões continuavam a descer. Havia 500 mil titulos parados. Era preciso elevar o todo custo as cotações desses valores nas praças de Paris e de S. Petersburgo. Urgia sufocar a greve.

E então, na noite de 17 de abril, foram presos os membros da commissão da greve e 40 entre os mais activos grevistas, para serem deportados. No dia seguinte, três mil grevistas foram reclamar a liberdade dos companheiros detidos. O capitão Ireshenko disse-lhes que se dispersassem ou mandaria fazer fogo. Mas a intimação foi ignorada e os grevistas, por serem empenhados de trás, foram empurrados de trás.

Após a primeira descarga, os operarios deitaram-se por terra, mas em seguida, enfiados pela inesperada e feroz aggressão, levantaram-se de novo e correram sobre a tropa, que os deteve e dizimou com outras três descargas. No solo jaziam 300 trabalhadores, entre mortos e feridos.

A sensação produzida na Russia por este morticínio é enorme, sobretudo nos meios operarios, onde varias greves de protesto foram declaradas. A propria Duma, tam anódina e moderada, se comoveu.

Possa ao menos contribuir para a queda do abominavel e monstruoso taxamo o sacrificio daquelles desgraçados trabalhadores, victimas das combinações gananciosas de financeiros, que queriam fazer subir cotações!

E não seria tambem para encarecer accões, avolumar o dividendo, que o navio o Titanic ao naufragio e se perderam mais de mil e quinhentas vidas?

Sabia-se a rota seguida de geleiras: tinham sido vistas na tarde que precedeu a catástrofe;

E representava da Lanterna no Rio de Janeiro, em 28 de abril, 1916. Da colunha das assignaturas está carregado o companheiro Santos Barboza.

um navio, que se cruzou com o Titanic, avisava-o da proximidade do grande glacial fatal. Mas era necessario dar a vitória a Companhia, bater o record da velocidade. O capitão tinha um prêmio por cada hora a mais sobre o tempo estabelecido. «Não nos deixavam sequer fumar um cigarro» — depõe agora um maquinista sobrevivente.

Mais, o navio tinha o maior luxo e conforto, tudo fora previsto para atrair os passageiros e sobretudo a clientela rica. Mas os meios de salvaguarda eram escasos. O vigia declara que, se tivesse um oculo de alcance, teria visto o glacial a tempo: não o tinha. O colossal transatlantico não possuía projectores electricos. Isso é para os corajados, para a obra de destruição e de morte, não para a de salvaguarda e de vida.

As escaleiras eram insuficientes, não chegavam a um terço da população de bordo: a companhia desprezava esse pormenor dispencioso e pouco lucrativo.

E esta insuficiência dá ensejo a revelar-se nos seus effectos a funesta divisão da sociedade em classes. Um official, que se autossuava chamado Lightnigher, escolheu para os barcos primeiramente as mulheres, mas repeliu as criadas do navio, as que iam ali para ganhar o pão. Salvavam-se mais de metade dos passageiros de primeira e segunda classe, mas pouco mais da quarta parte dos de terceira.

O director da Companhia, que ia a bordo, não consente em ficar para o fim; a sua vida vale milhões. Educados, afeiçoados por um meio social, a divisão em classes e os privilegios produzem a luta inter-humana, alguns passageiros perdem toda a dignidade e querem conquistar a preferéncia pela brutalidade feroz.

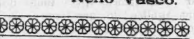
E apezar de tudo, quantos actos de sublimidade e de heróismo! Onde os ha mais bellos do que dos muscos que morrem tocando para animar os naufragos e o do telegraphista cuja tarefa impassivel só a morte vai interromper? Como o homem seria bom, não existissem tantas causas de rivalidades e de ganancia, de baixexa e de violencia!

No morticínio do Lena como ao naufragio do Titanic vê-se claramente o interesse das Companhias, o interesse particular contra o interesse geral.

Os meios de produção e de transporte são possuídos por alguns seres, que naturalmente cuidam sobretudo do seu interesse proprio. A riqueza social é assim administrada, e a deteção de todos, mas para vantagem de poucos. O escopo da produção e de todos os serviços de utilidade publica deixa de ser o bem-estar e a segurança de cada um para consistir apenas no lucro dos proprietarios.

Quando é que os homens verão a necessidade da administração directa das coisas, pelos proprios produtores e consumidores?

Neno Vasco.



## Excursões celestias

Refere um collega francez que o bispo de Oran, alludindo aos que não puderam ir pessoalmente numa recente peregrinação a Roma, escreveu:

«Elles estão de coração com os seus companheiros de França que vão receber a benção do nosso grande pontifice Pio X. Rezardo por aquelle que é o lugar-tenente de Jesus (que general!) na terra e a quem elles devem o acharem-se de tempos a tempos no céu.»

De tempos a tempos no céu! E' boa!

Mas de que se trata? De passios em aeroplano?

De tempos a tempos no céu! E' boa!

Mas de que se trata? De passios em aeroplano?

De tempos a tempos no céu! E' boa!

Mas de que se trata? De passios em aeroplano?

De tempos a tempos no céu! E' boa!

Mas de que se trata? De passios em aeroplano?

De tempos a tempos no céu! E' boa!

Mas de que se trata? De passios em aeroplano?

De tempos a tempos no céu! E' boa!

Mas de que se trata? De passios em aeroplano?







